

Nível de letramento dos alunos

Ótimo. É ótimo. Eu tô pensando em ótimo, comecei pelo ótimo porque a gente tava agora há pouco, ia começar este exemplo que eu acho que é, pode servir de estarter pra gente, é, pra eu te dizer isso, é, eu tenho trabalhado, inclusive ministrado essa disciplina de *Estudos de Letramento*, tentando sensibilizar os alunos para o fato de uma das vantagens de falar em letramento é em falar níveis de letramento pra que que a gente não, não, é, pra que a gente derrube preconceitos, uma série de fatores. A idéia é essa. Acho muito importante. Penso o letramento neste, com esta importância, de repensar este, é, a partir do nível de letramento a escrita acadêmica dos alunos é, e entender os problemas que eles têm quando saem do ensino médio com uma, é, um letramento e vão ter que passar por outro letramento. Tudo isso pra dizer é, é, uma das minhas intenções é, como combater as falas do tipo é, é, “os alunos não sabem escrever”, esse tipo de coisa todo. É, o meu exemplo aqui, e isto me ajuda a pensar, e aí pra começar a falar do grau de letramento dos alunos, é, é, o quanto ajuda a pensar questões como uma prova que eu tenho em mãos é, em que nós temos um problema que não é de letramento, é ainda de alfabetização. Eh, uma pessoa, pouco, com uma alfabetização deficitária e chegou à Universidade é, então, isto vai nos dar um panorama de aluno deste nível e não é o único que eu tenho como prova, tá aqui, prova, prova mesmo, e é uma prova, rrsrrsrs de uma aluna que nós, eu não consigo achar minimamente coesão e coerência no texto dela. Ela não consegue minimamente entender quais foram as questões que eu fiz; depois de ter feito o curso, é uma prova, avaliação final. É, o máximo que ela consegue é, é, recortar trechos e, pior, porque não são nem trechos inteiros, não são frases, orações, são, às vezes, alguns sintagmas, às vezes, é, temos alunos deste porte, não é o único caso. Então, é um aluno do Francês né, na Língua Portuguesa, os casos não são claros assim. É, depois nós temos, e aí acho que com isso eu estou falando sobre níveis né, é, este é um nível. Temos alunos de ensino médio fracos, com uma alfabetização sólida. Esses alunos

têm um problema quando entram na graduação de entenderem é, é, em que novo contexto eles estão se movendo, em que nova esfera social ou de prática de leitura e escrita eles tão se movendo. E eu trabalhei muito Língua Portuguesa I neste primeiro semestre pensando em letramento acadêmico no sentido é, acho que você tá desenvolvendo essa pesquisa de alguma forma. É, então, qual é a dificuldade desse aluno? A Língua Portuguesa I não pode ser uma disciplina de gramática né, ela tem de ser uma disciplina de letramento acadêmico. Estes alunos que estou dizendo que não outro nível, que têm que saber ler e escrever claramente, mas sabem ler e escrever textos dissertativos, pra isso que eles são doutrinados lá no ensino médio. É, quando eles vêm uma resenha, um resumo, um artigo eles não conseguem compreender qual é a importância, que significado têm esses textos. Imagino então que essas primeiras, essas disciplinas introdutórias desses alunos na, na Universidade têm que ser umas disciplinas que não fiquem voltando à gramática, quer dizer “não, olha a gente escreve uma oração coordenada”. Não, tem de ser uma disciplina que mostre pra eles que esta parte de código ele já tem. Eles precisam é entender é, que essas formas de práticas de leitura e escrita são diferentes das que eles tinham antes. Então. E aí temos alunos, eu fiquei muito gratificado nesse primeiro semestre, alunos que rapidamente foram absorvendo isto e aí eu diria que, e, e, em seis meses agora, o ano, eles estão imbuídos, é, do letramento em si, de se letrarem. Oh, em seis meses eles não passaram a produzir artigos, resenhas, nada disso, mas em seis meses eles já entenderam que eles precisam ter, eles precisam aproveitar as várias disciplinas, obviamente, também trabalhar nesta perspectiva de letramento são múltiplos né, mesmo dentro do letramento acadêmico, então, o aluno vai ter que saber escrever um texto para as disciplinas de linguística, e esse texto vai ser diferente das que ele vai ter que escrever para as pedagógicas, por exemplo, é, então, toda essa, alguns alunos rapidamente conseguiram entender isso. Com isso eu acho que eu respondo mais ou menos. São níveis muito diferentes, eles têm isso aqui. Eu gosto sempre de pensar; eu vejo na idade, obviamente que vai ter esses níveis diferentes né, a formação de cada um, quem é, que ensino médio cada um cursou ou, isso vai impactar claro, quando chegam na Universidade; a rapidez que eles vão, é, é, é, incluir novas práticas de leitura e escrita.

Mas no geral, Professor, pensando mesmo em número, como você acha que está o nível desses alunos?

Tá. Eu vou tentar pensar muito especificamente nessas classes que, que eu dei aula, porque eu dei Língua Portuguesa I pensando, na verdade eu já estava já pensando mesmo, quase que eu estava identificando estes níveis de letramento de alguma forma. É, eu diria que, primeiro, nós temos ahhhh diferenças grandes entre, eu dei aula no Francês, no Inglês e na Língua Portuguesa. Ahhhhh nós temos diferenças muito grandes entre essas três turmas, a turma de Língua Portuguesa de reação mais rápida a esses postulados de letramento acadêmico. Isso significa que mais rapidamente eles conseguem escrever um resumo, uma resenha. Então, trabalhei em três cursos diferentes, Inglês, Francês e Língua Portuguesa e, claramente com diferenças de níveis de letramento, claro, genericamente falando, muito grandes, a Língua Portuguesa com um melhor nível, Inglês em segundo lugar, se é isso, e o Francês com muito mais problemas. É, é, foram poucos os alunos do, do Francês que conseguiram, e eu ministrei absolutamente da mesma forma, tratei-os da mesma forma. Ééééé, então, por exemplo, passei uma atividade pra eles de pesquisa né, éééé, já no meio, já no meio do, do curso, portanto, eles já tinham sido sensibilizados pra questões de letramento acadêmico. Ahhhhh, no Francês, no Curso de Francês aparece muito mais isso, éééé, quantidade de vezes ééééé, plágio, por exemplo, plágio, pra mim é típico de quem não conseguiu entrar no universo acadêmico. Então, e eu já tinha, claro, para esses problemas. Mas a estrutura de que a gente brinca entre professores de, a figura de recortar e colar, parece tipicamente de uma mentalidade mais da nova tecnologia que parece não ser combatida no letramento anterior né, nas fases de ensino médio e fundamental; aparecem é, é, aqui na Universidade é e acho que aparece nos cursos em que as pessoas têm um menor nível de letramento no ensino médio. Então, eu diria isto. E acho que também posso pensar nisso de se entre as turmas, mas se, dentro das turmas, mas então eu diria, no Francês eu tive, dos quarenta alunos, eu indicaria cinco, realmente, é,

com, claro, é uma análise extremamente pequena né, mas pelo menos, uns cinco só eu consideraria que tem plena potencialidade de, de, de se desenvolver dentro da Universidade. Esses cinco não vejo perigo. Ahhhh diria que daí vinte e cinco, diria, com algum esforço vão ainda é, vão, diria, cambaleando e, aos poucos, acho que vão acabar, pelo menos aprendendo a estrutura, eles vão conseguir fazer resumo, vão conseguir fazer resenha, vão conseguir, mas assim, sempre copiando, sempre memetizando e consideraria que no Francês, em torno de dez, desses quarenta, não consigo entender como eles entraram na Universidade né, são pessoas que, é, é, não consigo entender como eles conseguiram é, é, responder a, a, uma prova de vestibular e como é que eles conseguiram é, escrever uma dissertação, uma redação tá, porque quando a gente pega o trabalho, trabalhos individualmente, são trabalhos com esta ordem, como este aqui, não é da mesma turma, mas também é do Francês, que você não encontra elementos coesivos, você não encontra coerência. No Inglês eu diria que como esses casos desses dez que estava citando, eu não me lembro de ter um caso deste éééé, aí eu diria que eles teriam a proporção, assim, quase de sessenta por cento, desses que com dificuldade que vão acabar mimetizando, copiando e vão conseguir se formar e aí um resto de uns quarenta por cento aí eu acredito que, que, é, vão conseguir mesmo plenamente se desenvolver no letramento. Mas tô me lembrando agora, isso pensando que eles vão ser cobrados para ser desenvolvidos tá, eu peguei eles no primeiro, primeiro semestre. Falando assim parece uma maravilha. E no Português eu diria que a gente tem uma, uma relação inversa, uns sessenta por cento com possibilidade plena de potencial e uns quarenta por cento que vão ser mesmo nesse sentido de, vão se escorando aqui, ali e vão levando. Ahhhhh. Agora deixa eu dizer isso, eu acho que é importante eu, é, claro que o que acaba acontecendo e eu fico pensando, por exemplo, em evasão na Universidade, é, que eu acho que tem tudo a ver com esse problema ou então quando eu aponto para o Francês com o mais baixo nível de letramento, isso significa que eles não conseguem compreender o que eles estão fazendo é, neste Curso de Francês éééé, isso leva a desistência, claro é, e de outro lado quando eu digo que sessenta por cento da classe de Português eu acho que tem plena capacidade de se desenvolver mas eles só vão se desenvolver se os professores atuarem nesse sentido é, é, às vezes, eu temo

um pouco que isso não vá acontecer porque muito professores ou alguns professores, pelo menos, ainda trabalham ainda com uma visão muito restrita do que é o sistema linguístico, do que é gramática é, e acabam não ajudando os alunos a se desenvolverem é, eu acho que dá pra repartir isso. Eu sempre fico pensando o quanto é cruel dizer “ah os alunos têm um nível de letramento...” tem mas em um ou dois anos eles rapidamente poderiam aumentar esse nível de letramento se forem dirigidos para isso né, temo que não seja exatamente assim que aconteça, e eu acho até interessante ver na, na, no **resto da pesquisa né, como isto vai aparecer.**

Escolarização...

É, é, eu tenho pensado assim, claro, pensando com Angela Kleiman e essas questões do letramento é, pensando na escolarização como agente principal de letramento, ou seja, não desconhecendo que outras instâncias também levam, tal mas pra quem vai fazer Universidade a, a, pra quem se pretende depois professor, a escola, a escolarização é a principal, a escola é o principal agente de letramento, inquestionável. É, e aí fico pensando é que, eu gosto muito dessas, dessas frases feitas, chavões, mais é um problema, pareceu-me, desde que eu pensei sobre essas questões aqui, desde que eu conheço esses alunos, que é uma grave crise no ensino médio e no ensino fundamental é é é tenho tentado pensar nisso de várias formas é, quanto, por exemplo, a própria Universidade pactava nesse ensino é, é, acabei de dizer é, no Francês, como é que os alunos entram é, com este nível baixo de, de escrita ahhhh. Se a Universidade permite que eles entram, o ensino no médio e no fundamental não precisam se preocupar em preparar este aluno para uma prova mais difícil, é, isso significa até ter me preocupado, por exemplo, a troca do vestibular da UFAC para o ENEM, isso deve gerar impacto, isso seria interessante acompanhar, isso vai gerar impacto na entrada de aluno pra Universidade. Parece, com alguma, com alguma é, com algum grau de, de, de tentativa de acerto, de misticismo, isso é uma coisa. Outro, é o impacto que as provas da Universidade tem sobre esse ensino médio e fundamental. A

Universidade ao invés de cobrar que este ensino médio e, é, prepare melhor seus alunos, permite que alunos com baixo grau de escolarização entre, tá, acho isso um problema. Ahhhh, fico pensando se, quais são as outras coisas que também impactam nessa escola. O pouco que conheço desse sistema, esse sistema, aqui no Acre, me diz que as escolas estão bem arrumadas, bem construídas é, tem equipamento pra eles, isso que eu vi de escolas e que a gente ouve né via mídia e tudo mais ahhhh portanto, parece ser problema mais direcionado à formação de professores, é, ou seja, esses professores que estão atuando láááá na ponta não têm sabido passar a importância de letramento, da escola como agente principal de letramento. Queria com isso vincular uma preocupação minha, que eu sempre trabalho, que me levou a ser professor na Universidade, que é ensino extremamente gramatical. Pensando em letramento em Magda Soares, eu acho que tem uma continuidade disso, Magda Soares, um clássico da alfabetização e letramento, muitas facetas é, vai mostrar que a, a falta de especificidade do ensino mesmo de alfabetização ah, ah, do processo de alfabetização, vai fazer com que o letramento ganhe uma dimensão, vamos dizer assim, mecânica, né, ela lida com as crianças, elas vão se alfabetizar, isso não era verdade, mas também, por outro lado, quando a alfabetização era excessivamente é feita também não resultava em muita coisa, então aquela coisa ditado, cartilhas tudo mais, então, tem que ter um jogo entre alfabetização e o letramento já nos períodos iniciais de aquisição de escrita. Eu venho pensando em como transferir isso para os outros níveis porque eu acho que acontece uma coisa muito similar e aí nós estamos falando de escolarização. Um professor de língua portuguesa que se atém só a gramática está fazendo como aquele professor de alfabetização que se atinha demais à especificidade do processo de alfabetização. Então ele só ensina metalinguagem gramatical, ele não ensina a utilização da língua, ele não ensina é, é, ele não ensina letramento, ele não ensina como a pessoa se mover pelas práticas de escrita e leitura. É, aí juntando com o que eu tô dizendo lá trás, ah, parece sim, então, esta formação de professor, esta visão de que o ensino não pode ser gramatical que já tá, todos sabemos né, desde os PCNs etc e tal. Tá mais do que claro que os professores têm essa liberdade e devem se mover para esse lado né, **abandonar o ensino gramatical** né, Marcos Bagno chama isso de **educação linguística**, eu gosto muito disso,

avançar para a idéia da educação linguística, que é a idéia de que a escola, como principal agente de letramento tem que fazer com que esses egressos sejam capazes de se movimentar pelas mais variadas de, de, escrita e leitura. Agora, rrsrrsrrs, é bonito quando a gente fala né, eu paro pra pensar, eu fico pensando, a gente, é, quando eu trabalho com os meus alunos ... como você capacita esses professores? E quando eles estiverem capacitados, quantos anos ainda vai levar pra que esses futuros alunos deles, depois deles capacitado, saiam da escola, ou seja, é **uma tarefa de tamanho... enorme** né, tem que pensar tudo isso. É, talvez seja, posso complementar essa escolarização com talvez aquelas outras agências de letramento, isso aqui tem um impacto. Aqui no Acre é, é, pra mim, indubitavelmente, a gente tem, neste Estado, a gente tem problemas de **isolamento físico**, de alguma forma né, ah, claro que eh, eh, isso impacta de algum modo, noutros lugares, tô pensando na periferia de São Paulo, periferia do Rio, é, é, os outros agentes de letramento foram suprindo essas, algumas dessas coisas né, é, então, as ONGs, de alguma forma, mas, é, então tô pensando, acabei de ler um livro sobre letramento do Hip Hop feito por Ana Lúcia uma doutora pela, hoje professora da Federal da Bahia e foi é, fez o doutorado na UNICAMP com Ângela Kleiman e, e, ela escreveu este livro falando sobre letramento do hip hop Mas outras coisas também, cinema, biblioteca né, penso isso, e aí penso sempre, nós temos uma biblioteca linda no centro mas os livros não circulam não é, ou começaram a circular agora, então, essas outras agentes de letramento, me parece, que poderiam, que, aqui no Acre, falham nesta, neste auxílio à escola né, ééééé, também acho que é nisto que tem sido pensado é, penso mais educação, programa do governo que agem aqui e que as escolas têm feito um movimento pra que estes outros, estas outras agentes de letramento auxiliem né. Então quando eu digo que eu vejo esses alunos eu fico pensando, se eles tivessem além de uma escola melhor outros ou se fosse só essa escola mas que eles tivessem acesso a outras coisas ah, teatro, cinema, ah, é, é, esse letramento, esse nível de letramento não seria tão baixo.

Práticas formadoras e suas relações com a comunidade, a Universidade com os seus profissionais, o Curso de Letras, por exemplo, a própria

prática cotidiana nossa, docente, está auxiliando nesse processo de letramento dos alunos, considerando que acaba que é um círculo, não é? Que a gente aqui está formando esse profissional que vai pegar esse aluno lá na ponta, não é?

Sim, sim. E que nos devolve esse aluno.

Novamente, não é. Então, a partir do seu olhar, de suas práticas, como você vê isso?

Eu diria que, eu, eu, penso o seguinte, duas coisas, a priori eu diria duas coisas, é, é, eu atuo, claro, mais nas Letras Vernáculas, né, Português, ah, mas o que eu vejo e vejo e acompanho um pouco, não acompanho com tanta é, é, frequência, mas atuo também em Espanhol, Francês e Inglês, é, nesses casos, Espanhol, Francês e Inglês, eu tenho uma preocupação grande é, que o entendimento, ou seja, que este aluno egresso da Universidade não é um simples falante de Espanhol, Inglês e, e, é, Francês, ele é também um professor, então, acho que quando eu olho a matriz curricular isso é um bom exercício que nós fizemos né esse exercício e fizemos significa eu, Shelton e Giselda, temos trabalhado um pouco isso, nós tentamos, no processo de reformulação dos Cursos de Letras é, e a gente tem discutido pra sensibilizar as outras áreas nas quais a gente não atua com tanta frequência é, de que este professor tem que ter é, mais é, mais conteúdo, mais é, aprendizado de língua, linguagem e de letramento ah, porque senão ele vai sair daqui professor de comunicação em Espanhol, comunicação tal. Eu tenho visto isso com alguma preocupação. Nos moldes que nós temos, tenho expectativa, nossa esperança, nossa expectativa é de que com as reformulações isso se altere um pouco mais especificamente na Letras Português. Quando eu cheguei aqui em 2009, tenho dois anos e meio de atuação aqui, eu vi um quadro muito mais assustador do que o de hoje porque eu vi muitos profissionais sem vínculo com a Instituição né, professores substitutos, não considero isso mal, exatamente, mas esses professores substitutos, temporários têm, teriam que tá mais

integrado né, acho, aqui eles eram só professores tampões mesmo, no sentido de que eu acho os professor substituto, temporário pode ser prejudicial é. Vi um ensino altamente, altamente eh eh eh, vou mudar, pouco científico, eh, poucos conteúdos de linguística bem dada e um total desconhecimento de letramento, por exemplo. Há dois anos atrás, hoje que, os alunos já, porque tenho atuado nesse sentido, mas há dois anos atrás e se você pergunta, tive essa experiência no oitavo semestre, eu ministrou uma disciplina chamada Seminários em Língua Portuguesa e Linguística, disciplina que eu trato com uma mais em fase de encerramento do curso, os alunos formam um grupo pra fazerem os seminários e têm total liberdade pra escolher os temas né, e quando eu propus pra fazerem sobre letramento não fazia pra eles, não fez o menor sentido o que era letramento. Então, quatro anos eles não tiveram o, não foram expostos minimamente a esta problemática, que tem dez, quinze anos, no mínimo, de, de, oposição total. Fiquei muito preocupado e isso me levou, inclusive a atuar um pouco mais nisso ... então tenho atuado atualmente neste sentido, tenho conseguido coisas que dá ordem emocional, fico muito emocional como, como eles descobrem um monte de coisas quando eles começam a olhar, valorização ensino, alfabetização é, destas perspectivas de prática social, quando eles começam a ver isso é, é, abre os olhos mesmo, então assim, com isso eu espero o impacto seja muito bom, ou sei lá, que esse impacto que eles estão tendo agora vá refletir quando eles forem pra sala de aula. Mas insisto, disse agora há pouco, imagine se que eu faço isso, agora alguns outros professores trabalham nesse sentido é, mas há dois anos atrás, pouco vi se havia, desconheço. Significa que as sementes que nós estamos plantando agora vai demorar um tempo bom ainda para crescer. Penso também quando eu digo isso, me lembro sempre que a demanda da, da, do Estado é, conheço, a gente conversa, trabalhei com *Escola Ativa* que é, é, formação ou capacitação, formação continuada de professores da, da, zona rural, trabalhei com módulos, a gente aplicou módulos, eu o Ândrio e o Cássio, nós fizemos capacitação então, a gente teve muito contato com o pessoal da rede, do sistema de ensino, e assim, a demanda por letramento é uma coisa impressionante, impressionante. Ainda que, aquela coisa né, letramento é, para o sistema significa outra coisa, significa melhorar os índices do IDEB e tudo mais né. É, mas só de haver essa demanda já, já, me gera uma,

uma, e foi por isso que eu me movi mais para este lado, abandonei umas outras questões que eu costumava trabalhar. Me movi mais pra este lado justamente porque eu percebi que se eu conseguir capacitar bem alunos aqui pra trabalhar nisto, com esta demanda do sistema é, é, vai potencializar isso nos alunos né, quando eles chegarem no sistema bem preparados pra falar de letramento e pra começar o letramento no ensino médio, fundamental já pensando na Universidade. Você estava dizendo a circularidade, não adianta pensar só no ensino médio mas tem que pensar como isso vai se dá nas entradas na Universidade. Eles vão ter campo pra trabalhar, espaço pra atuar, aparentemente, já que o sistema tem demandado demais. E tô me preparando pro ano que vem pra atender essas demandas com cursos de extensão essas coisas assim ah, mas, fico chateado porque a gente, parece, é tão devagar, a gente, o impacto disso. É, sinto agora nos meus alunos, mas agora meus alunos têm informação né, quarto, sexto período, tem aluno do segundo período, quer dizer, são alunos que mais dois anos até eles se formarem né, sei lá até quanto tempo eles conseguirem ingressar e a estrutura que eles vão enfrentar dentro da sala de aula que eles forem encontrar um ensino totalmente gramatical é, isso, rrsrrsrrsrs é, é, é uma aventura rrsrrsrrsrsr.

Quanto à prática educativa...

Eu acho. Eu tenho. Eu, eu, eu tenho pensado mais de um lado não de outro, mas o letramento acadêmico. Minha primeira preocupação, esta que eu estava apontando era que estes alunos não sofressem tanto na passagem do ensino médio pra Universidade. Então eu pensei isto que eu chamo de letramento acadêmico, pensei em estratégias é, agir com eles nesta Língua Portuguesa I, nesse sentido, então é, não só expor, usar os tipos de textos que a Universidade precisa resumo, resenha, artigo, é, é, mas também que eles compreendessem que esses gêneros, aí eu tô falando como Bakhtin, são relativamente estáveis é, pra que eles também entendessem que isso vai mudar de professor pra professor. Um resumo pedido por um professor da Pedagogia não é a mesma coisa pedido por um professor, então eu achei que

isso era conteúdo a ser ministrado, de entrada, pra que ele já fosse compreendendo essa complexidade da escrita, da leitura, dentro da Universidade. É, nesse sentido eu acho que foi muito produtivo. Eu acho que nesse sentido eu consegui resolver, consegui atuar bem. Mas, Língua Portuguesa I, que eu acho que deveria ser o espaço pra isso, a minha proposta é que não se chame mais Língua Portuguesa I, a gente deveria ter uma disciplina chamada Letramento Acadêmico já de início, é, ela é ministrada em todos os cursos da UFAC né e, e, eu tenho, teria que pensar esse letramento não só para quem faz Letras óbvio, tem que pensar esse letramento pra quem vai pra História, um letramento pra quem vai pra, pras áreas de exatas, de ciências biológicas, assim, é, porque, porque são, são artigos diferentes, textos diferentes, são modos de estudar diferentes que vão exigir é, um letramento diferente, ou seja, o que tem que se pensar é maior do que eu tava fazendo ali, eu tava atuando só no primeiro impacto não é. É pensar como a Universidade, enquanto instituição poderia capacitar os seus professores, tá, então eu tô dizendo, que eu fico pensando, e tenho pensado desde o começo do ano, então eu preciso de um letramento acadêmico para os professores para que eles compreendam para que eles ao entrarem na sala de aula, óbvio a gente pode ter um mais específico que é esse de Língua Portuguesa I, mas todos os professores têm que entrar sensibilizados em sala de aula, dizendo “olha, é eu tenho que junto com meu conteúdo de física ensinar também o letramento acadêmico em física”. Acho que essa é a primeira coisa pra sobrevivência desse aluno aqui né, e um segundo estágio que esse eu acho que ocorre que esse eu pensei menos sobre isso é o, a formação do professor, letramento para a formação do professor, como ele vai, em sala de aula, lá, aplicar letramento é, eu tenho trabalhado nisso de uma outra forma, acho, daí na área de gramática, na área de, de linguística textual também, tentando mostrar, quando falo em gramática, tentando sempre mostrar nas disciplinas que eu ministro, e eu trabalho sempre com laboratório de gramática é, o quanto a gramática é fácil, uma série de questões pra que eles entendam que esse ensino gramatical vai continuar produzindo essa falha de formação é, é, então, essa sensibilização vai, vai noutro sentido, que eles compreendam que o que eles têm que fazer em sala de aula não é reproduzir os conteúdos que a gramática mas a ajudar os alunos a produzir é, é, objetos concretos,

linguísticos concretos né, um texto x, um texto y não é, é, pra que eles percam o medo de dizer pros alunos leiam; também lá a gente veio conversar é, até no meu curso de extensão eu fico pensando que tinha uma coisa a ver com isso; eu fiz um curso de extensão pensando em leitura e literatura, porque a gente só tá falando disso, mas a literatura é um universo enorme, importantíssimo e fica sempre ao largo é, eu vejo professores dando aula de literatura passando filme, o filme pelo livro, quer dizer, como é que eu vou pensar em letramento se o próprio professor não valoriza a leitura de um livro, é, “não, basta assistir o filme que vocês terão aprendido a obra né, e eu apoio justamente no contrário mostrando que ler o livro é uma coisa, assistir o filme é outra, óbvio, façamos as duas, é a melhor das opções mas não um pelo outro né, envolvido aí gosto estético, uma série de outras coisas também né, ah, e aí fico pensando ah, que esta área de literatura e aí estamos falando de letramento literário, a pressão que o cânone da Universidade faz né, então, o que se lê, então, no ensino fundamental e médio sempre que, parece que quando se lê, se lê os livros que vão cair no vestibular, isto também cria um, um impacto muito ruim que é a... própria da leitura né, medo de ler, medo de não acertar, porque o professor também trabalha com o sentido, uma única interpretação né, eu dou um livro de literatura e se você não chega na interpretação que eu quero você não fez uma boa leitura, isso vai impactar gravemente sobre a escolarização né, o letramento desses, desses alunos. Abordei isso mais de supetão assim mas realmente é uma coisa que eu também fico pensando um pouco nisso é, também vejo muito pouco isso daí é, também acho que teve agora uma mudança, uma melhora, Simone, Gisela e outros professores que começam a valorizar o texto literário de novo, mas quando eu cheguei aqui né, meus alunos tinham total desconhecimento das obras mais básica né, de literatura, o que tem tudo a ver com o fato de não se sentirem bem na leitura e escrita universitária, claro, na Letras o saber da literatura e tal.

Mas então, essa idéia de formar o formador está acontecendo? Há alguma estratégia pela Universidade, Colegiado no sentido de operacionalizar essas idéias?

Na Letras, nesse, de formação de professores eu penso que a gente tem trabalhado na reformulação da grade do curso e acho que esta, este tem sido uma importância no momento pra pensar isso, teve tido margem pra isso, mas a resposta final é não, a grade hoje não, hoje o que tem são ações isoladas, mas não é institucional, mas nós temos ações isoladas dos professores e sem medo, fazendo uma crítica avançada mas sem medo de fazer essa crítica, nós temos uma matriz curricular péssima, péssima, e isso não foi enfrentado é, se estive envolvido nisso nesses dois anos enquanto estou aqui e vi o quanto é difícil mesmo por questões burocráticas, por questões políticas, uma série de outras questões, mas tem sido melhorado agora com esta reformulação. Mas já pensamos uma nova estrutura curricular que pense essa formação de professores como disciplinas de linguística aplicada, por exemplo, não tem uma disciplina de linguística aplicada, com letramento saindo da segunda opção e se tornando uma disciplina obrigatória.

Mas isso enquanto núcleos de área ou enquanto colegiado?

Enquanto núcleo é, núcleo de área. Não isso como comissão de reformulação da grade mesmo, instituída. Então eu acho que isso é um passo já muito adiantado pra que isso seja instituído. Eu acho, a gente tinha a expectativa que a gente terminasse esses trabalhos aqui em 2011 para já, ficou ainda pra 2012 né, mas imagino que mais seis meses isso tá fechado. A reformulação agora está com uma direção muita clara né, porque não somos ingênuos né, nós conseguimos montar um grupo que trabalhasse e se articulasse junto que isso não existia. A gente se preocupa muito, eu Shelton, Gisela, Antonieta, da área de Língua Portuguesa, a gente só acho assim, essa formulação por áreas nós temos, fizemos no período de conversa com eles, então a gente consegue uma hora e noutra ter explicado melhor o quanto é importante que eles tenham subsídios de linguística, linguística aplicada né, na formação de professor, alguns dos outros cursos têm entendido melhor, outros não têm entendido,

então é um problema aí, você vai acabar gerando, então eu, eu, queria que esta reformulação vai ser heterogênea também, então nós teremos a, a melhor reformulação em Língua Portuguesa, em Inglês, o Francês tem este problema da habilitação, vai e vem, tá aprovado mas não sai na matriz curricular; e no Espanhol muito mais ainda porque eles têm trabalhado isso de uma outra forma é, eu diria então, também quando eu digo isto, desta reformulação, eu não estou dizendo para todos os cursos, eu estou dizendo, especificamente, para a área de Língua Portuguesa que eu, a gente desenhou um currículo, um currículo muito, muito melhor, muito mais voltado estas novas questões né, e, e, claro que também agora nós temos professores pra trabalhar com isso, temos todas essas coisas, não são ditas assim, mas têm, ou melhor, parece, ou melhor, são implícitos que a gente tem que trazer é, disse agora a pouco quando vc só confiava em professores substitutos, uma série de coisas, você não pode pensar né, que formação tem esse professor né, como é que ele vai atuar com isso, então, acho que nesse sentido tem caminhado. Outro sentido que eu acho muito interessante, estava fazendo um tempo, pensando como resolver isso que era aquilo que eu tava dizendo, letramento para os próprios professores da Universidade. Eu tenho tentado, e eu acho que vai ser isso pro ano que vem, um curso de extensão, é, voltado para, disse isso no Colegiado de Artes Cênicas, quando eu disse isso lá eles adoraram a idéia, então, com um outro professor daqui, óbvio, extensão né, porque eu acho que isso vai dinamizar muito é, é, essas questões, pensando naquela coisa, então não posso, por mais que consiga pessoas que pensem bem em letramento que estejam imbuídas disso elas não vão poder tá em todos esses diferentes cursos e tudo mais, então tem que partir dessa sensibilização.

Professor, só um esclarecimento, então o grupo de língua portuguesa está bastante coeso nesta perspectiva. O Curso de Letras né, pensando aí nas outras áreas, linguística, literatura, eles também estão corroborando com vocês ou tá fragmentado? Isto já pensando no currículo, na formatação da própria estrutura curricular.

Tá fragmentado. Eu diria, um exemplo que eu, a gente já tem debatido bastante é, o Inglês, depois que a gente bolou a área mais específica de Inglês, ou seja, os professores que dão aula de inglês e literatura inglesa nos procuraram pra que a gente disse, “bom o que precisa em matéria de formação desse professor em matéria de linguística e linguística aplicada?”. Éééééé, depois que a gente pensou que estava resolvido, volta agora porque daí vem dizendo “não, nós não queremos tanta teoria”. E aí a gente fica muito chateado. É nesse sentido que é, posso dizer que em Língua Portuguesa nós realmente tivemos uma coesão maior do que e fechamos e, e aí eu tô falando também do pessoal de Literatura não é, mas aí, Inglês, Francês e, e, Espanhol não conseguimos sensibilizar do modo que a gente queria, pra que eles entendam que quem vai dar aula de linguística aplicada no Espanhol não precisa ser um professor do Espanhol, mas pode ser um professor da línguística né, só que ele precisa ter uma ementa, uma bibliografia é, é, que condiga com a, a formação de professores voltado para o letramento né, não para falar Espanhol, por exemplo né, ou para falar o Inglês ou para falar Francês e isso é muito difícil porque quem emcabeça estas áreas né, Francês, Inglês são pessoas que têm uma visão, essa outra visão que o que importa é falar a língua é, eu diria aí, já com alguma é, com uma pena que, que a gente não conseguiu é, plenamente sensibilizar acho, para os cursos ficarem melhor, né, os Cursos de Inglês, Francês e Espanhol né. O Francês também com essa reserva né, se ele virar dupla habilitação, nem se sabe como vai ser essa outra transformação de dupla habilitação, se nós teremos um curso agregado ao Francês, porque é como eles querem é, ou um Curso é, ou seja, um outro realmente que seria uma dupla, como é que eu vou dizer isso, eles querem uma dupla junta com a do Francês mas não uma licenciatura que seja depois do Francês, não. Curso alguns anos tem o Francês e depois mais um ano e pouco, sei lá, Curso o Português.

É mas tem que ver as implicações legais porque me parece que há impeditivos aí de fazer isso. Havia essas coisas todas e não somente no Curso de Letras, na área de Letras, mas também nas outras áreas: História, Geografia, e foram obrigadas a separarem em função da legislação.

É, então, essas discussões têm me preocupado meio de longe mas, tenho sempre visto que esbarra nisso, porque óbvio, impacta na nossa área de linguística, língua portuguesa, é, mas assim, é, esse profissional com a dupla habilitação, a habilitação que é de Língua Portuguesa. Acho que nós temos que gerir. Absolutamente nós não podemos deixar nas mãos deles, dos professores de Francês, então é, se caminhar nesse sentido, ótimo, eles terão que adequar esta metade da habilitação, se podemos dizer assim, ou esta outra habilitação ao quadro apresentado, como quadro de formação de professores de língua portuguesa aí eu acho que a gente estaria bem encaminhado é, mas, eu fico pensando que, como problema muito complexo né, como chegar é, porque cada professor tem as suas crenças e demolvê-lo disso é, talvez, talvez se ele juntasse as duas coisas né, começasse a ministrar aulas de letramento e a gente começasse a pensar juntos especificamente essas coisas é, é, de formação de professores acho que andaria melhor e, é isso, como meu período de dizer coisas além do que estou dizendo, pelo acompanhamento que eu faça lá nas Artes Cênicas, não é um problema das Letras, em Artes Cênicas também é isso, eles também não sabem como formar o professor é, óbvio que a discussão lá é mais, é, tão transformando artistas de teatro em professores né, eles vivem nessa discussão. Aqui eu poderia dizer, um pouco é isso, nós estamos formando falantes de espanhol ou professor de espanhol? Óbvio, pra mim eu tenho claro, são professores de espanhol né, o fato que eles falam o Espanhol é instrumento para a aula que eles vão dá, não, não um fim em si né, isso é muito difícil fazer com que eles entendam, né, mais facilmente o pessoal do Inglês entende, o pessoal do Francês um pouco mais facilmente entende, mas o pessoal do Espanhol, especificamente, é muito difícil que eles entendam é,é, já vi boas discussões entre professores aqui nesse sentido, é, é, mas espero, é, é.

E esse curso de extensão pra formação de formadores está previsto pra quando?

Eu tenho pensado nele pro ano que vem é, porque esse ano como eu pensei a extensão.

Mas vai ser um curso fechado especificamente para os docentes da UFAC ou vai ser aberto para a comunidade de modo em geral?

Esse é o meu medo. Esse é o meu medo. Se eu abrir para a comunidade, se é verdade que a demanda da comunidade, em geral ééé, tenho medo que não sobre lugares para os professores da UFAC. Eu não sei o que que é mais necessário ainda primeiro. Eu fico, tô me perguntando isso já algum tempo éééé, já cheguei a pensar, esse semestre eu Tenho pra mim que é uma coisa enorme, se eu um projeto desse de extensão vai virar um ... Quando eu pensei, acho que foi a primeira vez, na formação dos professores daí surgiu uma discussão lá no Colegiado de Artes Cênicas porque eu me insurgi de alguma forma, elegantemente, espero, contra essas frases “ah os alunos não sabem escrever”. “Mas vocês sabem o que vocês estão pedindo pra eles?”. Assim, “eles não sabem escrever ééé, aquilo que vocês estão querendo, talvez porque vocês não saibam dizer pra eles o que vocês querem especificamente né”. E aí que surgiu, não em todos, é claro, em alguns essa coisa: “não mas então nós precisamos”. “Então ótimo”. Mas foi muito assim nesse sentido de, de alertá-los para essas falas preconceituosas né, que vão, que não ajudam em nada né, fica só essa coisa aí e, e, que demoniza os alunos né, eles são os culpados de não saberem escrever, parece, e as pessoas se esquecem dos seus próprios processos de formação acadêmica né. Quem é que já entrou na Universidade já sabendo escrever? A gente acabou de dizer agora né. E tudo percurso né. Uma coisa é escrever uma dissertação, depois no Doutorado, outra coisa é escrever uma tese, esta evolução de letramento é contínuo mesmo né, até essa coisa do letramento é muito forte né, que pode nos explicar isso né, mesmo eu, professor na Universidade quando saio pra fazer meu doutorado vou ter que me haver com uma série de questões de letramento. Eu nunca fiz uma tese, vai ser a primeira né, então eu vou ter que

me, me letrar, não vai ter jeito, não tem outra coisa ééé, e parece que os outros professores esquecem, essas falas do tipo né: “é, o aluno não sabe escrever”. As pessoas esquecem essa, essa, muito interessante. Por isso que eu fico pensando. São mesmo dois trabalhos muito específicos. Aqui é esse trabalho e alertar pra isso e pra quando ele pode ajudar na escrita dos seus alunos é, e lá, na ponta, é outro trabalho né, que também, bom, que. Agora os dois são muito importantes. Eu pensei primeiro numa espécie de equipe. O que eu tô tentando fazer nesse segundo semestre é tentar formar uma espécie equipe.

Talvez começar pelo projeto de pesquisa, como você está pensando. Porque aí o projeto de extensão, talvez, já seja a culminância disso.

O problema é que a pressão, a demanda da comunidade é por extensão. É isso que eu tenho conversado. Por que? Porque eles pensam a formação continuada, os professores né, porque eles querem isso daí né, porque é um problema né, por isso que eu acho que a pesquisa é ótima nesse sentido porque eles estão vendo que a Universidade dará pra eles assim, a solução dos problemas né rrsrrsrrs, partindo do letramento tá tudo resolvido né, não é isso né, não é isso, essa, essa, eu fico pensando isso, então se eles estão esperando isso e a gente vai com o curso de letramento como extensão pra eles ééééé, ou uma oficina né, se é isso que eles estão pensando; tô pensando agora na Ângela Kleiman né, se a gente, se eles estão pensando que é o letramento autônomo e aí eu vou dá ali pra eles as soluções, isso não existe, realmente eu vou partir da idéia de que o letramento é ideológico, a gente tem que passar por uma, o problema é outro, mais amplo, é muito mais. Realmente, então é isso, talvez entrar primeiro com a pesquisa éééé, vai dá base pra gente poder, depois, na extensão eles entenderem o que a gente tá querendo né, que não é dá fórmulas de letramento, como mais ou menos acho eles esperam né. Quando eu vejo o sistema demandar; porque o que eles estão demandando é assim, “me dá uma receita do letramento né, e nossa, pelo... ficaríamos milionários rrsrrsrrrs se tivéssemos nós tivéssemos a receita do letramento né rrsrrsrrsrrs. Sexta feira passada a Anelise, nós trouxemos uma professora do CEFET de Minas e ela deu uma palestra sobre leitura, texto,

leitores, leitores, leitura, texto, leitores; bom, ela passou pra gente um monte de questões de leitura éééé'e falando também de escrita. E em algum momento ela disse: "na verdade ninguém sabe formar um bom escritor de verdade, podemos ensinar umas técnicas, tem ali alguma coisa, mas de verdade, de verdade, ninguém é capaz de, por isso, primeiro porque não é produto, é processo, tem uma série de coisas; as variáveis são imensas, inumeráveis". Acho que nisso, a gente tava terminando dizendo isso aqui, agora né, que o sistema demanda uma receita né, é porque vai ver isso como um produto simplesmente e a escrita é um produto é, é, isso é muito difícil, então, só pra voltar naquela coisa da escolarização, pra mim impacta numa coisa que eu, como sou da Letras só consigo ver isso de longe, fico preocupado porque a educação deveria pensar isso, quer dizer, a própria escola tem que ser repensada pra que o letramento faça outros sentidos lá dentro é, porque a escola é compartimentada em séries, porque a escola é compartimentada em disciplinas, a escola é, agride um pouco é, esses conhecimentos de letramento que tem que ser múltiplos também, eu sempre fico pensando nisso é, acho que era isso que a gente tava dizendo agora há pouco quando diz é, bonito falar com o professor de matemática quando tem problemas na, no letramento para que o aluno não responde o conteúdo porque não é capaz de ler a, éééé, não é capaz de ler o enunciado e aí, ótimo, o que nós precisamos então, que este professor de Matemática se mova e ele dê aula de letramento matemático, língua portuguesa mas dentro da Matemática ou é o professor de Língua Portuguesa é que tem que trabalhar dentro das suas aulas de Língua Portuguesa. Separar um momento pra falar sobre leitura de prova de Matemática, por exemplo, essas questões são muito amplas também pra serem pensadas num, num. Eu fico, e aí, só, aí só pra pessoal no final....

Sugestões...

Eu diria que mais imediato é uma ... tenho dito, a gente começou trabalhar mais com uma área isso é, isso é fundamental, mas ainda não todos estamos trabalhando como uma área, tá, eu acho que a gente precisa ampliar. Nós criamos um núcleo que tá, mas aí temos tido divergências que têm aparecido muito, acabam aparecendo na sala de aula. Acho que talvez com essa

reformulação da grade resolva um pouco este problema. Outra coisa é, nós ainda não sabemos nos movermos muito bem para a comunidade é, curso de extensão ou mesmo a pesquisa, eu acho que eu demorei muito, dois anos e pouco para começar a instituir pesquisa. Isso foi, claro, maior parte culpa minha mas também falta de, de, de uma política institucional. A gente chega pra dar aula na UFAC e aí não tenho sala, é difícil conciliar com os professores porque é uma fragmentação total, entre as perspectivas, é, a coordenação era um problema grave e, não era capaz de, de nos dizer o que era que a instituição queria, que a nossa primeira interface é ela, quer dizer, isso impacta em que, falta de reunião para que os professores conversem, só agora que a gente começa a instituir isso é, então eu não conheço os planos de curso dos meus colegas, tudo isso que deveria ser pra mim a base do trabalho numa instituição, não acontece, é, não tinha acontecido, começou a acontecer só dois anos depois, acho que isso tem um impacto muito grande porque eu tive que criar soluções sozinho, sem que tivesse o auxílio, apoio aos professores. Tava dizendo agora há pouco, eu pego essa ementa, sei que essa ementa não funciona, eu tenho um problema porque éééé, eu não consigo sozinho mudar a grade, fazer com que essa grade, é, mas ao mesmo tempo eu não posso seguir aquela ementa daquele jeito porque senão eu não tô fazendo nada, eu tenho que andar, demora um tempo até aprender a me mover nisso, eu acho, eu acho que eu aprendi, dois anos depois ééééé, então acho que é assim, é fundamental e acho que nós temos caminhado pra isto, **esta integração**. Quanto mais nós da Língua Portuguesa, Linguística e Literatura tivermos nos reunindo, mostrando nossos planos, pensando essas coisas juntos, só isso já dá uma formação de professores, acho, diferenciada. Não teimo em dizer, claro, tô dizendo também genericamente, eu vi uma turma em 2009 que eu me assustei, eu fiquei preocupadíssimo, é, é, fiquei temeroso, eu tô chancelando e também não tive coragem naquele momento, achei que não valia a pena, tive que tratar, tive que diminuir as minhas expectativas em algum modo, porque atrapalhava a vida desses alunos no oitavo período não era uma coisa que esses alunos, achei que era só atrapalhar mesmo a vida deles, acho que é mais cruel, o mundo é mais cruel do que eu, ah, depois teve concurso do Estado, eles não forem capazes de passar no concurso do Estado, não eheheh, formação trágica em 2009 quando cheguei aqui; em 2010 a turma ah,

já tinha um pouco mais de, de, estorfo, de conteúdo, mas ainda com muitos problemas. Esta turma que está saindo este ano ainda vejo problemas graves, mas a turma do sexto período, que é justamente a turma que entrou quando eu entrei aqui, e significa, não estou puxando pra mim isso, mas estou dizendo que com minha entrada veio a entrada de vários professores, só fui um que chegou um pouco antes é, esse sexto período já é completamente diferente das três turmas que eu vi e acompanhei de alguma forma antes, então, já tenho expectativas diferenciadas pra esta, pra esta turma, não só de pensar o sistema né, tenho poucas dúvidas de que agora a gente teria um nível muito de, porque agora não, eles só vão estar formados em 2013, final de 2012 para 2013, com certeza que impactaria no número muito maior de aprovados no concurso mas não só isso, pela primeira vez eu vejo realmente pessoas com qualidade para mestrado. Até agora o que a gente tava formando aqui e isso é um outro problema muito grande também é, são pessoas que vão pro mestrado eles passam, sei o que, mas depois eu acompanho e ficam me procurando e eu digo “não posso orientar, sou só mestre”, mas eu fico acompanhando a reação deles, eles ficam perdidos quando estão no mestrado. Porque as questões linguísticas não foram ensinadas, as questões básicas de linguística, fonologia, morfologia, sintaxe, não foram aprendidas na graduação, então eles não conseguem desenvolver bons projetos depois quando eles estão no mestrado. Pela primeira vez eu tenho visto uma turma que tem condições, óbvio, depois de bem orientados e tudo mais é, é, porque já têm base; mais ou menos com a gente tá dizendo aqui né, aquele círculo, que é perigoso. Que nós vamos devolver depois esses mestres, tá, aí eles vão acabar sendo professores na graduação, sem poder, realmente, efetivamente ensinar, isso é, o letramento lá no mestrado. Então eu tenho visto uma espécie de avanço que eu acho que já é fruto deste núcleo que nós conseguimos é, é, incorporar, incorporar, constituir, de alguma forma. É, uhhhhh. Vou dizer isso assim, coisas materiais nos faltam muito. Nós constituímos um grupo de pesquisa, por exemplo, o grupo de pesquisa existe né, no *currículo lattes* né, nós ainda temos muita dificuldade de nos reunirmos, né, nós ainda não temos um lugar, tivemos problemas, por exemplo, apresentamos projetos, os projetos foram todos recusados e a gente não entende isso como ou só falta de qualidade dos projetos mas também entendemos isso como o fato de que nós estamos

propondo coisas novas que não são, não, não, não são, não foram absorvidas ainda, não, não, não foi o momento ainda de ser absorvido ainda, porque nós ainda não cavamos possibilidades pra que eles fossem absorvidos, então nós ficamos, todos, aí tô dizendo muito amplamente, eu, Antonieta, Shelton, Gisela, ficamos todos sem, sem, sem bolsistas, por exemplo, é, então, eu tô, isso que eu estou montando para o ano que vem, óbvio, na minha cabeça é simples, é simples não, digamos, sou extremamente teimoso, então não consegui desse jeito, então fui procurar noutra forma, é esta que estou lhe dizendo, fui fazendo um curso de letramento para selecionar alunos, para montar o projeto, nós já estamos pensando um projeto para o PIBIC do ano que vem. Nós estamos fomentando isso. É mais demorado, é mais, mas tenho certeza que isso vai outra coisa, então, estes problemas institucionais a gente também tem enfrentado. É lógico que se a gente tivesse uma salinha para o grupo de pesquisa, impressora, computador, internet, para reunir com os alunos; eu me reúno com os alunos em salas de aulas desocupadas né, quando eu tô com uma turma um pouco menor, na minha sala de professor, que é insalubre né, um pouco insalubre, então essas dificuldades também vão pesando né. Mas eu acho que a gente só vai construir estas outras coisas quando né, eu diria assim, a gente tá, é, primeiro, reformulando o curso, essa era primeira coisa, para a gente a partir daí a gente conseguir uma série de coisas, espero que consigamos. **Caramba. É bom pensar essas coisas. É muito legal pensar essas coisas. Acho legal pensar essas coisas.**

Então, Professor, Para a gente finalizar, sugestões, alguma idéia que gostaria de marcar ...

Eu diria mesmo que eu queria marcar mesmo aquela coisa do, dessa importância do letramento, pra mim é vital, ahahahah, eu estudei, eu entrei na UNICAMP em 1999 pra fazer Letras, mas eu já tinha feito um Curso de Comunicação Social antes é, desde então é, claro, estudei, conheço essas teorias sobre letramento, Ângela Kleiman, tal, ah, mas mais do que letramento, a gente fala em letramento mas eu penso até um pouco mais amplo isso, é, como eu acho, com essa formação na UNICAMP me deu sempre uma visão

discursiva da linguagem né, dentro dessa visão discursiva é que eu entendo letramento, quando eu digo, práticas sociais de leitura e escrita, pra mim é muito fácil de entender é, porque pra mim, linguagem e língua só se estuda na concretude, no enunciado, então isso pra mim nunca foi muito problema, é, quando eu cheguei aqui, o impacto de não encontrar essas discussões aqui foi muito grande é, então era isso que eu queria marcar, acho, nesse final, a possibilidade que eu tenho venho tendo aqui nesses dois anos de mostrar para estes alunos já tem muitos alunos que já, já se imbuíram disso, já entenderam isso, é, é, e, e, e eu acredito mesmo que é a semente né, mas acredito mesmo que quando as pessoas que formou processam. Em 99, 2000, 2001 quando eu fui entendendo isso, a minha visão de língua, linguagem se expandiu e me permitiu fazer um Mestrado em Leitura de Literatura me, me permitiu matar os preconceitos, estes pelos menos, de linguística né, é, isso eu acho vital porque se a gente forma um professor preconceituoso né, e ele entra na sala de aula, ele nunca vai solucionar o problema linguístico dos alunos dele, de jeito algum. Então, esses, pra mim, esses aspectos discursivos, pragmáticos e aí o letramento, tem muito essa importância né, e a possibilidade de trabalhar isso aqui, de tá mostrando isso e de ter retorno disso, é, acho que esta é a principal marca assim, né, de poder dizer pro aluno eh, acho que eu vou usar o exemplo de um aluno ...

Muito obrigada, Professor, parabéns pelo trabalho que desenvolve, sucesso, *bem vindo* e muita saúde para enfrentar a caminhada.

Coragem rsrsrsrs

Obrigada.